

AÇÃO DIRETA

SEMENARIO ANARQUISTA

PREÇO Cr\$ 0,50

Diretor: JOSÉ OITICICA

ANO I

Rio de Janeiro — Sábado, 10 de agosto de 1946

N.º 16

PROCURE SEMANALMENTE
NAS BANCAS DE JORNAES

A guerra, todas guerras, são reacionárias em suas causas, seus meios e seus efeitos.

L'Adunata dei Refrattari, 22-6-946

Preparam nova guerra! O escravo também era um peso

P. FERREIRA DA SILVA

O embaixador Benjamin Cohen, secretário adjunto da Organização das Nações Unidas e chefe dos seus serviços de informações, ora no Brasil, houve por bem fazer à imprensa mundial um sentido apelo para que não alarmasse os povos com boatos de possível guerra. Ao mesmo tempo, implorava *que se diga sempre a verdade*.

Para satisfazer o comovido embaixador, importa perguntar: «Caríssimo! e se houver profunda contradição nos dois pedidos? E se a verdade for que realmente se prepara açodadamente a terceira guerra mundial, dez, cem, mil vezes mais horrenda que as duas precedentes?»

Sim! porque é muito fácil fazer apelos choramingas, mas difícilimo é tapar o sol com peneira.

Realmente, se, de acordo com a verdade, informo os povos de que os democráticos Estados-Unidos, campeões da paz, fazem minuciosíssimas experiências ultratécnicas com a *bomba atômica* para analisar seu poder destrutivo de esquadras, quer disparada no ar, quer no mar, que hão de concluir os povos? Concluirão assim: *bomba atômica* não serve, parece, para mover automóveis, nem para a siderurgia, nem para a agricultura, nem para fabricar açúcar ou imprimir livros, serve apenas para espatifar cidades, submergir navios, matar gente, destruir nações.

Por outro lado, a imprensa, dizendo a verdade, noticia, nos telegramas do dia 18 de julho, que russos e tchecos trabalham ativamente no campo da energia atômica. A notícia particulariza que a Tchecoslováquia possui os maiores jazigos de urânio da Europa. Russos e tchecos exploram ativamente os depósitos de Jechymov. Criaram, em Praga, o Instituto Tchecoslovaco de Pesquisa da Energia Atômica. Nele já trabalham cientistas russos, por não os haver, especialistas, na Tchecoslováquia. Ainda mais, os russos fazem repetidas experiências nos laboratórios de Dresden aproveitando os especialistas alemães.

Ora, se os russos pesquisam sofregamente a energia atômica é com o fim único de chegarem à bomba. Isso entra nos miolos do mais simplório terrícola. Os povos que seguem, espantados, as brigalhadas contínuas de russos com americanos e ingleses na O.N.U. hão de concluir o que? Não pensarão, evidentemente, que os dois grupos imperialistas andam experimentando bombas atômicas para festejar S. João, ou brincar de chicote queimado, ou para foguetear, jubilosos, a assinatura da paz. Concluem, como nós todos concluimos, como os fatos o revelam, como o estão vendo os olhos estupefactos do mundo inteiro; concluem como nós somos forçados a concluir, queira ou não queira o embaixador Cohen; concluem, afirmando:

«Esses miseráveis imperialistas preparam nova guerra com armas diabolicamente destrutivas!!!».

Apelo

Temos de aumentar nossa tiragem; mas, como já dissemos outro dia, a venda avulsa dá enorme *deficit*. Só um meio há de arcarmos com as despesas de maior tiragem. É estender-se a lista dos contribuintes e dobrar cada qual sua contribuição. Nosso periódico não é comercial, não aceita anúncios; não é político, nem publica, a tanto por linha, notícias ou reclamos; em suma, não temos matéria paga.

Logo, apelamos para os entusiastas de *Ação Direta*.

AVISO

Pedimos aos colaboradores que, dada a pequenez de *Ação Direta*, reduzam seus artigos o mais possível. Temos em nossa mesa várias colaborações que, por demasiado extensas, não podem ser publicadas, embora excelentes.

Procurem novos contribuintes. Dobrem ou tripliquem suas contribuições.

Atrás das palmas, a *ação direta*, ainda com sacrifícios.

Festejou-se o centenário do nascimento da princesa Isabel, evocando com essa data o acontecimento histórico da abolição da escravatura no Brasil. Certo, foi aquela dama reinante que assinou a lei memorável. Não deixa, entretanto, de constituir um sinal de endeusamento, bem característico dos costumes aristocráticos, a série de comemorações visando mais a pessoa do que o fato.

O feriado foi recebido nas fábricas e oficinas como um prolongamento do domingo que o antecederia. Ainda entregues às emotivas evocações do futebol da véspera, poucos sabiam mesmo o motivo do feriado. Torna-se indiferente a razão da folga, muitas vezes por pretextos meramente políticos, e sentida mais no organismo desfalcado de um dia de salário do que no verdadeiro conhecimento cívico dos fatos comemorados.

Preguntaram-me alguns porque era feriado. Não conheciam o episódio histórico. Princesa Isabel? Abolição da escravatura? Ah!... Mas isso foi há muito tempo... Que era a escravatura? Mais vale que não o saibam. Que não saibam o que era. Porque o que é atualmente a escravidão de salário, a negra escravidão econômica e social, esta opressão constante em que vivem os homens sem terra e sem pão... eles sabem-no demais. Eles sentem-no dolorosamente.

Mas digamos, enfim, algumas palavras sobre a negrada escravidão daqueles homens que, nascidos sob outros céus e com outra cor, eram vendidos como bestas de carga e forçados ao trabalho, até o dia em que uma princesa praticou o grande atentado à propriedade, extinguindo um direito de posse, pois, com um decreto, desligou de seus possuidores os escravos comprados com dinheiro e mantidos como bens da fazenda privada pelos seus donos que exploravam a terra e os engenhos.

Triste condição a dessas criaturas humanas, arrancadas do seu meio sem piedade e submetidas ao cativo cruel. Os historiadores especulam sobre os motivos que levaram a princesa a libertá-las. Seria um impulso sentimental? Seriam razões políticas? Seria uma previsão econômica de novos sistemas para fomento do Brasil, para novo regime agrícola e para outra distribuição do trabalho rural?

Os escravos entendiam tanto dessas razões como nós entendemos o movimento das nuvens e a linguagem das abelhas. Eles estavam sujeitos ao senhor, mas tinham o ar livre para respirar, cantavam, amavam, choravam, beijavam a terra e abençoavam o sol. A sua prisão era simbólica, e não custou acabar com ela. Os escravos de hoje são os escravos do salário que aqueles não conheciam. E as prisões que agora existem não são simbólicas; atrás delas muitos homens estão privados do ar e da luz, contorcem-se de desespero, crispam as mãos nas grades de ferro, choram a saudade do sol. Outros homens

UM DECRETO cem por cento fascista

Passou despercebido, parece, à imprensa dita *democrática*, o inominável decreto-lei publicado nos jornais cariocas aos 16 de julho. É o decreto da chamada *nacionalização dos serviços portuários*.

Para que todos os anarquistas, de dentro e de fora do país, fiquem sabendo que o regime ditatorial continua vigentíssimo aqui, transcrevemos o decreto:

Artigo 1º — Só poderão ser admitidos, em trabalhos de estiva e de docas, nos portos nacionais, os trabalhadores brasileiros ou equiparados.

Parágrafo único — Em caráter excepcional e transitório, poderão as Delegacias do Trabalho Marítimo autorizar a matrícula de estivadores estrangeiros, tendo em vista o termo de domicílio no país, o tempo de serviços já prestados e as circunstâncias que recomendem, em cada caso, a exceção.

Artigo 2º — As empresas concessionárias de serviços portuários, não poderão admitir empregados de nacionalidade estrangeira, salvo em casos excepcionais devidamente autorizados pelo Ministério do Trabalho.

Artigo 3º — Ficam as Delegacias do Trabalho Marítimo autorizadas a rever as matrículas dos estivadores estrangeiros já concedidas, a fim de tornar efetiva a aplicação da presente lei.

Artigo 4º — As Delegacias de Trabalho Marítimo providenciarão para que, dentro do prazo de um (1) ano, tenha integral cumprimento o disposto no artigo 1º da presente lei.

Artigo 5º — O presente decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Como se vê, visa o decreto a expurgar dos portos aqueles elementos mais conscientes, que promoveram a greve contra os navios espanhóis de Franco.

Sabe-se que o governo interveio a mão armada em Santos e, com praças do exército e da polícia de S. Paulo, assegurou a descarga e a carga dos navios boicotados.

Não bastou essa ajuda a Franco. Na Argentina, mau grado Perón e peronistas, a greve decretada pela Federação Obreira Regional Argentina, organização de resistência, efetuou-se integralmente. A polícia quis intervir, mas nada obteve. Aqui, tudo conseguiu por estar o proletariado dos portos indefeso, entregue a líderes e aos sindicatos oficiais.

Porém, a mais da repressão armada, vem o desaforado decreto-lei, de cunho fascista, em benefício de Franco. O sócio de Hitler e Mussolini, o filho dileto da Igreja, pode estar doravante em paz quanto ao Brasil. Os estivadores antifascistas deste país democrático vão ter seus nomes cancelados da matrícula portuária. Os espanhóis mais ativos serão recambiados para Espanha e lá serão duramente castigados pelo crime de serem contra Franco num país que lutou contra os seus comparsas.

Esse é o miserável quadro que nos deparam as entrelinhas, trágicas, fascistamente policiais, desses cinco diabólicos artigos. Não se olham os anos de trabalho, as esposas provavelmente brasileiras, os filhos brasileiros, as aperturas do desemprego e o mais.

Há o pavor e a covardia de um Estado armadíssimo, assombrado com a possível coesão dos trabalhadores conscientes. Fora, pois, com eles. Os brasileiros, esses pobres geas nordestinos tão bem retratados no magnífico romance *Navios iluminados* de Raulo Prata, esses submetem-se a tudo, analfabetos, famintos, desterrados, incapazes de entender a exploração dos ricos e a mão forte do Estado, sempre fascista, sempre tirano, sempre arbitrário.

os meteram ali, outros homens que não são mais humanos nem mais civilizados do que os traficantes de negros do outro século.

Os escravos tinham sonhos de amor e liberdade, arriscavam-se ao castigo e à morte quando fugiam do eito e eram apanhados pelos perseguidores, pelos capitães do mato encarniçados e ferozes. Mas houve muitos deles que, ao receberem a notícia da libertação, a generosa alforria, permaneceram nas casas onde havia pão e tratamento afetuoso. Continuaram escravos voluntários, livres de si mesmos e dedicados a quem os tratara com humanidade.

A situação dessas criaturas, o seu contentamento ou desespero, decorria da forma como lhes era imposta a vida. Tanto havia trágicas revoltas como dedicações comovedoras.

Talvez houvesse na abolição um objetivo oculto. É possível que os políticos do império se servissem da sensibilidade de uma mulher para atingir outros fins, lançar profundas raízes de uma nova ordem na exploração do braço humano. O escravo foi

necessário aos desbravadores da terra nova, porque não dispunham de outra mão de obra. Mas tornou-se acessível só aos senhores da terra que tinham fartos cabedais, dinheiro grande para manter as fazendas povoadas.

Depois, a terra sofreu repartimentos sucessivos. O escravo, comprado e vinculado à propriedade, era às vezes um peso para o seu possuidor. Os donos da terra livraram-se desse peso.

Ficaram sem o compromisso de sustentá-lo. E, daí em diante, puderam dispor, não apenas dos seus próprios escravos, mas de todos os escravos que mendigavam trabalho para viver. Sem necessidade de comprá-los, de alimentá-los, sempre com o receio de perder o capital que eles representavam. Dando-lhes um salário miserável e deixando-os morrer de fome. E assim tem sido até hoje. Porque o trabalhador, com liberdade condicionada, sempre hipotética e precária, será escravo enquanto a terra pertencer privilegiadamente aos que, mesmo depois da abolição, conservaram ferozmente o direito de o oprimir e explorar.

Republica papalina

Traduzimos de L'Adunata dei Riffatari (22-6-1946) o seguinte precioso artigo onde se define, nitidamente, a situação política da Itália. Três países há cuja atividade política deve interessar profundamente os anarquistas de todo o mundo: Espanha, Itália e França.

Os exércitos, os banqueiros e os governantes anglo-americanos não lograram salvar a monarquia fascista da catástrofe militar de regime, mas conseguiram impor aos italianos, como aos franceses, belgas e holandeses, o domínio do papado e do partido clerical!

Os clericais de hoje em dia não querem ser... clericais; dizem-se *democratas cristãos* na Itália, como em França se dizem *Movimento popular republicano*. Mas, o nome não voga. Voga, no entanto, o fato de que obedecem às diretivas políticas do Vaticano.

Pertença ou não pertença o senhor Alcides de Gásperi, chefe do partido clerical italiano e do governo provisório da república, à Sacra Companhia de Jesus, é cousa de menos importância. Clerical durante toda sua vida, é um ex-funcionário do Vaticano e instrumento de sua política.

Se não é jesuíta, serve a os jesuitas sem comprometer-se. Sua ascensão política é direto efeito de suas relações com o Vaticano. Mal se organizou o ministério por ele presidido o ano passado, foi repousar e... meditar, alguns dias, na quinta papal de Castelgandolfo.

Assim, é o chefe do primeiro governo da república italiana, não somente clerical, mas ainda ex-funcionário do Vaticano e pessoa favorita do papa.

Ora, esse homem e o partido por ele dirigido e representado na Constituinte e no governo, vão ter relevante parte na feitura da constituição republicana. Sendo seu partido o mais numeroso, há de ser a constituição, em grande parte, obra sua e nada poderá conter sem sua aprovação.

Quer dizer isso que a futura constituição da república italiana, pelo menos em grande parte, será ditada pelo Vaticano, isto é, pelos jesuitas.

E, pois, vão esperar que se manifeste, dentro da Constituinte, oposição capaz de contrastar ou ficar à vontade dos clericais. Monárquicos, *qualqueristas*, liberais e todos os outros, resíduos do fascismo, dispõe, na Constituinte, de muito mais de cinquenta ou sessenta votos que bastam aos clericais para imporem à república e ao país a constituição que eles... e o Vaticano... desejam...

Demais, os socialistas e comunistas, que deveriam ser o sustentáculo do princípio leigo, até agora não deram sinal de vida, fingiram crer nas intenções democráticas do partido clerical, a que cederam, sem sombra de resistência, as rédeas do governo, a iniciativa política e... o voto obrigatório.

Pior ainda, com o pretexto de não incender paixões e pugnas religiosas, consentiram, de fato, na perpetuação dos pactos fascistas de Latrão e no reconhecimento da religião católica como religião oficial do Estado.

A república nasce na sacristia e amadurece na os jesuitas acolitados pelas harpias do mercado negro.

Da monarquia fascista houve o papado a soberania da cidade do Vaticano; da democracia antifascista recebeu, aos 2 de junho, o governo de toda a Itália.

Nota — Isso que se vê nesse exatíssimo quadro, vêem os liberais em toda a parte. Não se pense, todavia, que é vitória da Igreja Católica por virtudes suas ou força própria! Não! A força lhe advém do capitalismo naufragante que se vale da água benta por sabê-la uma poção mortinada, capaz, talvez, de abrandar, com sua ação sedativa, no povo exasperado, os impetos de revolta e insurreição. De fato, os governos burgueses, com sua bomba atômica, seus foguetes voadores, suas armas químicas toda a sua série longa de petrechos dominadores, têm pavor da insurreição popular, sobretudo da insurreição com caráter anárquico, isto é, expropriativo. Eles perguntam lá com seus bolões: «E se os soldados compreenderem e aderirem?»

O Cristianismo e os Cristãos

por J. Sanchez Rivera

(traduzido de Regeneración 16-6-1946)

Esse povo honra-me com os lábios, mas seu coração está longe de mim.

Mateus, XV, 8.

Dizer cristianismo é dizer resignação, sacrifício, amor ao próximo, desprezo das riquezas terrenas, etc. Igualmente, prova-se o cristianismo com obras e não com palavras. Não é cristão o que empresta a vinte por cento, por muitas missas que ouça; nem é cristão o açambarcador que enriquece à custa da fome e da miséria dos seus semelhantes, embora se confesse diariamente; nem é cristão o senhor feudal que, possuindo extensíssimas propriedades, as conserva sem cultivar, dedicando-as a coutos de caça para gozo e esparcimento, quando os homens da comarca são forçados a emigrar por falta de terras lavráveis; nem é cristão o plutocrata que cruza teso, em seu automóvel, as ruas da cidade salpicando de lama os a que, por cruel sarcasmo, ele chama «seus irmãos em Jesus Cristo»; nem é cristão, ainda que esmurre o peito com rijas pancadas, o político venal que faz da chancela ministerial uma gazua para roubar impunemente; nem é cristão o clérigo rotundo e beatífico, zombador, na vida particular, das formosas doutrinas recomendadas do púlpito; nem é cristão o bispo magnífico, perfumado e vestido de sedas, que, da carruagem luxuosa, desce, com seus atos, os princípios cristãos de pobreza, resignação e caridade, que, hipocritamente, encarece a seus fiéis; nem são cristãos os proprietários das minas que, cegos de cobiça, não vacilam no amontão de riquezas com o sangue, suor e vida dos desgraçados mineiros; nem são cristãos os traficantes de toda laia, nem os agiotas incontinentes, nem os mercadores que antepõem o ansiado lucro a toda outra consideração de humanidade; nem o são os funcionários públicos que escarnecem, não já dos direitos civis, senão dos direitos humanos; nem o são, nem podem ser, em geral todos aqueles que, com seus atos, conculcam as máximas prescritas por Cristo aos que se quiseram chamar cristãos com justiça.

Todos esses fariseus, disfarçados em cristãos do século atual, querem lograr o Mestre Divino e, sob o rótulo de cristãos, desfrutam de todas as comodidades, concupiscências e ambições terrenas recebendo, em acréscio, o reino de Deus e a glória eterna.

Formosa perspectiva! Pode haver maior dita? O mal é que esquecem ter o próprio Cristo proferido as seguintes sublimes palavras: «O que não está comigo está contra mim e o que não colhe comigo desperdiça» (Mat. XII, 30). Neste mundo, será para eles todo o gozo material e, no outro, a eterna bemaventurança.

Ora bem! Se os citados componentes da sociedade atual, quase toda, excluindo os proletários, não são cristãos, conquanto, cínica e inconscientemente, o digam, quais cristãos sobram? onde estão? Em parte alguma. Já não há cristãos. Salvo raros homens de extraordinária honradez, surgidos, geralmente, das classes sociais de baixa estirpe, os cristãos desapareceram se é que os houve algum tempo fora de casos individuais de altruísmo e desprendimento.

As formosas doutrinas de Cristo são tão austeras e puras, que a humanidade é imperfeita para suportá-las. Os homens aceitam, de bom grado, o chamarem-se cristãos, porém, rechaçam o cumprimento do que seja penoso ou sequer modesto. São cristãos aparentes; porém, seu coração está longe de Cristo, como disse o próprio fundador da doutrina na epígrafe deste artigo. São, como também reza o Evangelho, «semelhantes a sepulcros caiados, que, por fora, em verdade, se mostram formosos, mas que, dentro, estão cheios de asquerosidades» (Mateus, XXIII, 27).

(Continua na 3.ª pag.)

Notícias Anárquicas

1.º França. O serviço de imprensa da A. I. T. (Assoc. Intern. de Trab.) publicou a seguinte informação.

«Sob esse título (*O fim do sindicalismo da C. G. T.*) o periódico *l'Action Syndicaliste*, de Paris, analisa, em seu número de 1 de maio, a situação criada na antiga central sindical francesa, a C. G. T., pelos resultados do último congresso da mesma.

Escreve o periódico: «O congresso da C. G. T. vem de terminar. Foi o que já dantes pensáramos um congresso minuciosamente preparado, onde impossível seria qualquer surpresa. A minoria, reduzida à expressão mais simples pelo sábio jogo da representação, nenhuma possibilidade tinha de ver triunfar suas teses, aliás, defendidas sem calor e por homens não qualificados para isso...

Essa minoria, ademais, era muito heterogênea em sua composição. À frente achava-se uma maioria comunista homogênea e extremamente disciplinada, que podia triunfar dessas minorias dispersas. Assim ocorreu no congresso. O partido comunista venceu pela maioria de 4/5. Foi maioria exagerada, não correspondente à realidade. Com efeito, impondo a regra de que só os sindicatos com mais de 5000 filiados seriam representados diretamente no congresso, ao passo que os outros só o seriam indiretamente pelo *Bureau Confédéral* e a *Comissão Administrativa* falsificaram sistematicamente os resultados. Os

(Continua na 3.ª pag.)

Administração

1. Pede-se insistentemente aos contribuintes de *Ação Direta* que não atrasem a remessa das suas contribuições. Qualquer atraso prejudica seriamente a marcha do semanário.

A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS

JOSÉ OITICA

Continuação do número 15)

66 — O problema essencial — Estamos, vimos nós, diante de uma evidência e diante de um problema.

Evidenciamos que o homem sofre muito mais do que deveria, e sofre por motivos artificiais. Sendo assim, o problema da felicidade máxima na terra depende da resposta a esta pergunta: será possível suprimir essas causas artificiais? Como, porém, filiamos essas causas a uma causa originária, primitiva e fundamental, a *propriedade privada*, nossa questão se reduz a verificar a supressibilidade, ou não supressibilidade, dessa instituição.

Ora, o anarquismo é a doutrina social de uma organização da produção, distribuição e consumo das riquezas sem propriedade. Esta segunda parte vai ser um quadro conciso, porém minucioso, dessa organização.

Os anarquistas estão convencidos da exequibilidade da sua concepção e, para realizá-la, pregam sua doutrina, sofrem toda a feroz repressão da burguesia, morrem na forca, na guilhotina

ou varados dos fuzis, mas cada vez mais tenazes na luta, porque trabalham pelo bem da humanidade.

67 — Dificuldade de apreensão — O anarquismo propõe aos homens de boa vontade uma solução racional da crise permanente em que vivem. A solução, em si mesma, é fácil. A organização anárquica, prescindindo da complicada máquina de compressão, o Estado, é de singularidade admirável. Todavia, a apreensão do funcionamento de uma sociedade anárquica é difícil para as pessoas afeitas ao regime capitalista. Estamos viciados a tudo comprar e vender e faz-nos confusão conceber a vida humana sem dinheiro. Vivemos, como dizia Eça de Queiroz, achatados entre as páginas de um código; todos os nossos atos estão regulados pelo código civil, pelo código penal, pelo código comercial, pelas constituições federais e estaduais, por posturas municipais, por um acervo colossal de regras e regulamentos minuciosos. Há leis especiais para tudo e só admitimos a *ordem* com policiais, agentes, comissários, delegados,

chefes de polícia, etc. Como ouvir falar então numa sociedade sem códigos, sem leis, sem parlamentos, sem polícia, sem nenhuma dessas molas apertadoras e movimentadoras?

Por isso, muitas pessoas, aliás cultas, mas irrefletidas, dão de ombros, viram as costas e proferem as frases clásticas: *isso é uma utopia e vocês estão malucos*.

Também, há trinta anos, era utopia o aeroplano e mais que utopia o projeto de se falar a centenas de léguas, sem fios. Todas as formidáveis invenções modernas, o navio a vapor, a locomotiva, o gramofone, o telefone, o automóvel, o telégrafo, a radiotelegrafia, a eletricidade, os submarinos, etc., etc., são exquimeras realizadas em um século apenas. Em cem anos, a humanidade fez um progresso incomparavelmente maior do que em todos os milênios de existência anterior. E porque? Será que os homens de hoje sejam mais inteligentes do que os caldeus, os egípcios, os gregos, os fenícios, os romanos? Não. Eles fizeram também prodígios naqui-

lo que a mentalidade da sua época lhes permitia. Pesava-lhes, porém, um mundo de *preconceitos* abafadores. Já eles se iam libertando desses preconceitos, avançavam celeremente na matemática, na astronomia, na medicina, na arquitetura, na óptica, na zoologia, na metalurgia, na navegação, na ciência enfim; começavam a desvendar a natureza para aproveitar-lhe as energias, quando o cristianismo, pregando, como verdade única, os *testamentos*, subverteu a mentalidade pagã e sepultou a sob *preconceitos novos*, esterilizadores e retrogradadores. Foram precisos séculos de luta contra os *ídolos* cristãos, contra os santos, os padres da Igreja, os brancos apóstolos, os papas politiqueros, os doutores metafísicos, as universidades enebadas de teologia, para que o obrôto da ciência, como a folhazinha de tiririca teimosa, irrompesse dentre os destroços, respirasse livre e crescesse à luz solar.

Ora, chegamos a uma época de curiosidade, exame libérrimo de todas as idéias, planos e concepções. Hoje estamos acostu-

mados às grandes surpresas e os mais abstrusos projetos, longe de espantar-nos interessam-nos. Esfolhinhos das cabeças, progressivamente, as telas de aranha religiosas ou morais, e, assim, libertados dos preconceitos, azado nos é percorrerem em dez anos estradas imensas. De dia em dia, saltamos abismos. Coisa extraordinária foi, há uns trinta anos, haver Santos Dumont voado uns duzentos metros, a metro e meio de altura, suspendendo ao todo, uns trezentos quilos. Hoje, sobe-se a quatro e cinco mil metros, carregando oito ou nove toneladas, piruetando no ar como fazem as aves.

Por isso, dar de ombros a uma idéia por ser ou parecer *utopia*, é não ter senso. O homem assado, longe disso, procura inteirar-se das idéias novas, assimilar a doutrina, meditar sobre a sua exequibilidade, pesar os prós e os contras, discutir, informar-se de tudo, analisar os argumentos, vantagens e desvantagens. Só depois terá bastante autoridade moral para repelir a solução proposta.

Continua

AÇÃO ANÁRQUICA

ANARQUISMO O Cristianismo e os Cristãos

Notícias Anárquicas

(Continuação da 2ª pag.)

A política burguesa apregoa que anarquismo significa assassinato, pilhagem, retrocesso à barbárie, no intuito de assegurar os privilégios de que desfruta sua casta na sociedade. Procura, maquiavelmente garantir o seu conforto e bem estar a trôco das vicissitudes do semelhante.

Há quem acredite que os anarquistas têm em mente a chacina e a expropriação, influenciado pela propaganda mal intencionada da burguesia.

Outros, acreditam que a anarquia é um devaneio de utopistas; que os anarquistas são sonhadores que objetivam uma filosofia fantástica. Julgam essa doutrina sem aplicação prática, mero sonho.

Outros ainda, mais sensatos, admitem que a anarquia seria o único remédio capaz de salvar a sociedade carcomida e degenerada; mas, não crêem que possa triunfar ante a ambição desenfreada dos afortunados esquecendo-se de que os oprimidos são muito mais numerosos.

Os anarquistas não merecem esses falsos conceitos. São idealistas que aspiram antes de tudo à felicidade humana, nada mais, nada menos. Desejam abolir as propriedades, as diferenças sociais, a autoridade e as religiões, por serem fatores prejudiciais à harmonia humana.

Os homens estão cansados da miséria, da exploração, da mentira política que não se enverga de repetir o estribilho de bons governos, bons governantes e legislações honestas. A humanidade está descontente e revoltada contra tais abusos. É impossível haver felicidade no mundo enquanto a sociedade estiver cingida por organizações que impeçam seus agrupamentos segundo suas tendências, afinidades e temperamentos, satisfazendo plenamente suas necessidades. Basta de ilusões e promessas. Mesmo os mais apáticos e indiferentes começam a compreender que só uma reforma pode salvar a situação, mas uma transformação completa, dentro de normas libertárias que venham satisfazer as aspirações coletivas.

O fim do anarquismo é mostrar ao proletariado (entendemos por proletariado todos os desafortunados, quer o camponês oprimido pelo latifundiário, quer o operário servilizado pelo industrial, quer o comerciante subjugado pelo comerciante, quer o intelectual sujeito a salário) que o homem não só tem o direito de conservar a vida, como também de vivê-la da melhor maneira possível.

Hoje ninguém desconhece que, quando foi formada a terra, a propriedade não pertencia a ninguém; logo, é fruto de usurpação, e religião, a autoridade e o capital foram imaginados com o fim exclusivo de uma minoria explorar uma maioria incauta e menos esclarecida.

Não temos a pretensão de ser inovadores. Não. O anarquismo existe desde os primórdios da civilização. Os primeiros homens já o praticavam. Os nossos índios o adotavam, pois nas suas tribus não faltava alimento às crianças, nem aos velhos, nem aos inválidos.

A princípio, os homens viviam isolados, por bastarem-se a si mesmos em face das necessidades primárias. Com o aparecimento

de novas necessidades, compreenderam as vantagens de se reunirem em grupos, afim de facilitar os meios de vida. Passaram a formar agrupamentos reunidos pela natureza e suas leis. Viviam livremente e cada um se entregava ao trabalho mais conveniente, sendo as indústrias conjuntas e os bens comuns, repartindo entre si os proveitos. Reinava perfeita harmonia entre as gentes em virtude de não haver propriedade, de todos serem livres, de todos terem suas necessidades satisfeitas e de todos trabalharem. Depois, indivíduos de caráter corrompido buscaram meios de explorar os companheiros. Lançaram mão da força física para esse fim, obrigando o mais fraco a produzir em seu benefício. Afim de melhor cumprir seus desígnios valendo-se da ignorância dos tolos, insuflavam-lhes idéias de poderes invisíveis, despertando a crença.

A única corrente social bipartite, formando duas classes: — exploradores e explorados, que até hoje existem, desmembradas em múltiplas facções.

A primeira forma poderes baseados em seus pontos de vista para dominar e oprimir a segunda. E as instituições, mesmo as que parecem mais liberais, estabelecidas com o suposto sentido de efetivarem a igualdade, o mútuo auxílio e a paz, perdem a finalidade que lhes dá origem atendendo aos interesses de uma minoria parasitária.

Alguns espíritos mais lúcidos, revoltados contra essas injustiças, insurgem-se contra tais processos em todas as épocas, pagando quase sempre caros tributos pela sua audácia, perdendo muitas vezes a liberdade e até a vida. Contudo, outros se apresentam para rendê-los como sentinelas avançadas da evolução e o mundo caminha dia a dia, para a redenção final da humanidade.

Esses vanguardistas são os socialistas. Os socialistas distinguem-se por dois diferentes aspectos. Uma corrente, embora contrária à autoridade opressora acastelada na sociedade, não procura destruir a autoridade, senão conquistá-la em seu favor. Assim se constituíram a autoridade imperial na Roma dos Césares, a autoridade da Igreja nos primeiros séculos da nossa era, o poder dos ditadores na idade média, o qual se estendeu também nos últimos tempos do feudalismo e oferece exemplos ainda na época atual. O comunismo de hoje, desvirtuado, está nessa classe, pois pretende substituir um Estado caduco por outro igualmente incompatível com a natureza humana, assentado na prepotência dos seus dirigentes. No atual comunismo, o homem é apenas uma peça da máquina do Estado, somente com deveres e nenhum direito. O indivíduo é obrigado a pensar pela consciência do Estado. É obrigado a comer o que lhe destina o Estado. É obrigado a morar onde lhe indica o Estado. É obrigado a trabalhar onde lhe determina o Estado. Enfim, é apenas um instrumento.

O homem é um animal pensante e não pode sujeitar-se a condição tão degradante. Dispõe de discernimento para resolver seus próprios problemas. Pode governar-se por sua própria consciência. Deve procurar fundar uma socie-

Esta é a realidade social de hoje. O cristianismo, praticamente, se acha na mais completa bancarrota. As doutrinas de Cristo caíram no vazio e os vinte séculos transcorridos desde a morte do divino galileu, morto no madeiro, para redimir o mundo, como o anunciara Isaías, foram estéreis. A Humanidade continua tão corrompida e cheia de lama, como as antigas cidades gentílicas, anatematizadas por Jesus Cristo. O sangue de Cristo foi derramado em vão, sem que hajam sido lavados, com ele, os pecados, as ambições, os egoísmos e as concupiscências.

Boa prova de que os escribas e fariseus seguem imperando como nos tempos em que Cristo curava tolhidos, cegos e endemoniados nas cidades e aldeias da Judéia, no-la oferece o fato de que os escribas e fariseus atuais, isto é, todos os que, no princípio indicamos, tacham de inimigos da sociedade e demolidores (principal acusação, também, a Cristo) os que, como o Divino Mestre, querem acabar com as injustiças e desigualdades da sociedade odiada, perseguindo-os e condenando-os, em muitos casos, à morte, como fizeram com Jesus Cristo. É certíssimo que, se Cristo voltasse à terra e pregasse novamente as suas doutrinas altruistas, igualitárias, de abnegação, seria outra vez processado e condenado como inimigo da ordem social pelos escribas e fariseus que integram as classes dominantes da sociedade. Se Cristo encarnasse atualmente como há vinte séculos, num homem necessitado e andrajoso, que percorresse os povoados, aldeias e cidades pregando a igualdade, a obrigação de repartir com os pobres as riquezas para salvar-se, e tudo quanto eu disse, de novo se cumpririam as palavras evangélicas: «E eis que alguns escribas diziam entre si: Este blasfema!» (Mat IX, 2,3)

Nota de Regeneración — Embora não creiamos que haja existido Jesus Cristo, publicamos este artigo para que tomem nota os chamados cristãos.

Nota de Ação Direta — Ousamos acrescentar, à lista dos que não são cristãos, mais isto: «Nem é cristão o Papa que, trepado numa cadeira de ouro, passeia o seu luxo e a sua grandeza, carregado aos ombros de quatro salarizados, ainda quando se denomina: servo dos servos de Deus.»

Uma grande lição de Makhnó

(Continuação da 4ª pag.)

Cidades, no qual nossos maiores confiavam exageradamente é, sem dúvida alguma, muito mais fraco para um problema de tão grande envergadura e de consequências possivelmente tão graves. Estou certo de que há, no nosso meio, pessoas capazes de altos feitos. Porém, os assim capazes de assumir a responsabilidade desses altos feitos são pouco numerosos. Podemos contá-los pelos dedos. Cumpre-nos não esquecer esse ponto importante. Muitos camaradas já fugiram e ainda fogem diante de uma empresa responsável ou que exige continuado esforço. É tal fenômeno o que provoca e mantém a desorganização em nossas filas. Oh! quão perigosa é tal desorganização para o êxito de nosso movimento! Nada se lhe pode comparar! Com efeito, por virtude da desorganização do nosso movimento em seu conjunto, nossas melhores forças se desgastam e isso ainda agora, durante a Revolução, malbaratando-se em pura perda, sem proveito algum para o movimento. Esse fato sempre nos estorvou, a nós, anarquistas; mas, presentemente, dele sofremos como nunca; impede-nos ter uma organização poderosa, indispensável para desempenhar papel eficiente nesta Revolução. Só uma organização assim corresponderia ao grito de dor da Revolução. Ora, o apelo atual da aldeia escrava é justamente esse grito de dor e, se nós, anarquistas, estivéssemos organizados, teríamos ouvido esse apelo e teríamos acudido a tempo.

dade estribada nos princípios de igualdade, liberdade e trabalho. E esse regime é a Anarquia.

Raul Vital

(da Juventude Anarquista Brasileira)

Custa muito e magoa tratar desse assunto, mas é indispensável. Camaradas, aqueles dentre nós que não esquecem o fim essencial da Revolução para perderem-se em teorias nebulosas e estéreis e procuram sinceramente os meios mais eficazes de ação para erguer o mais possível nosso ideal revolucionário e realizá-lo, desde já, na vida das massas, esses não cessarão de protestar contra a desorganização, porque lhe percebem o imenso perigo. Mas não basta protestar. Importa agir e agir incessantemente, sem, todavia, deixar de erguer constantemente nosso ideal e, sobretudo, sem lhe obstar ao desenvolvimento aos outros. Esse espírito elevado secundará o ideal anarquista e permitirá criar uma organização que encareire no bom rumo nosso movimento.

Reforço para Ação Direta

COMPANHEIRO! Você leu AÇÃO DIRETA? Comprou-a sem dúvida, mas saiba que um exemplar de AÇÃO DIRETA, a 50 centavos, dá DEFICIT, porque nos custa 80. Com 40 por cento ao distribuidor, baixa o preço a 30 centavos. De modo que o DEFICIT, em cada exemplar, é de 50 centavos.

Se você deseja cooperar na manutenção de AÇÃO DIRETA, escreva-nos para Rua Buenos Aires, 147. A-2º andar — Rio, marcando uma contribuição mensal. Nossas contribuições vão de 10 a 200 cruzeiros. A hora é de sacrifícios e o companheiro não deve poupar nenhum para manter e desenvolver nosso periódico.

A causa merece e o exige!

pequenos sindicatos foram sufocados, os grandes favorecidos e ninguém sabe se os grandes respeitaram os mandatos que os pequenos lhes haviam confiado...

Acrescenta o informe que os comunistas têm maioria em toda a parte. A Comissão administrativa, por exemplo, tem 20 comunistas e 15 ex confederados. Além disso, o congresso aprovou novos estatutos, segundo os quais se corta qualquer assomo de independência ou democracia. Do-ravante, nenhuma base orgânica (sindicatos) poderá discutir ou determinar seus atos. Tudo será resolvido e ordenado pelos dirigentes. As próprias greves pouca probabilidade têm de escapar ao aparelho confederal, pois as Federações e União departamentais se acham em mãos do Partido Comunista através desse aparelho. A C. G. T. perdeu de todo sua liberdade de ação. Morreu como organismo sindical livre.

Termina assim o periódico: «O sindicalismo que sempre defendemos exige, por sua e nossa honra, que se constitua o mais depressa possível a Confederação Nacional do Trabalho (C. N. T.) dentro da qual encontrem, o sindicalismo e os sindicalistas, refúgios e meios de ação necessários às suas próprias atividades, ao mesmo tempo que a independência a eles recusada na C. G. T. Nesta nova organização, o sindicalismo francês deverá, a partir de agora, viver, desenvolver-se, lutar, ir contra a corrente, atrair as massas obreiras e viver ou morrer com elas, defendendo seus direitos. Será nossa missão, em nossa conferência de maio, por fim a todos os equívocos existentes e constituir a central do sindicalismo francês... O sindicalismo revolucionário deve ser internacional. Já não há problemas especificamente nacionais. Isso também serve para a ação do sindicalismo revolucionário. Quer para organizar a ação, a propaganda, quer, sobretudo, para as possíveis realizações do sindicalismo internacional, deverá ser ele um movimento que reúna todas as centrais revolucionárias do mundo. O lugar da nossa, pois, é a Associação Internacional dos Trabalhadores ao lado das demais centrais já filiadas à mesma.»

Anuncia-se um futuro congresso constitutivo da C. N. T. francesa!!!

Porém, já aos 4 de maio, se constituiu uma conferência de sindicalistas revolucionários que decidiram criar essa C. N. T.

Propaguem
Ação Direta

Uma experiência anárquica

Em nosso 2º número publicamos um artigo em que concitávamos os camaradas espanhóis, testemunhos dos ensaios anárquicos lá realizados durante a guerra de 36 a 39, a escreverem informações fidedignas de tais movimentos. **L'Adunata dei Refrattari** (6-7-46) publica, traduzido da C. N. T. de Toulouse, o relato de F. Isabal, sobre a coletivização praticada em Ballobar de Cinca, pequena cidade entre Lérida e Saragoça.

Despedaçado o poder centralizador do Estado e, assim, desfeita a coação das classes dominantes com seus aparelhos de força e opressão, ergueu-se, naquele memorável dia de agosto de 1936, o claro sol da liberdade social no vale dourado de Ballobar. Os cidadãos, ainda emocionados com a grande reviravolta, esperança dos velhos, que parecia quase morta e agora quase a realizar-se, reagiram com o entusiasmo de quem se abeberara no fonte límpida da *Confederação Nacional do Trabalho*, pois que a maioria dos pequenos proprietários do lugar militavam em nossa velha organização sindical.

Reunidos, uma noite, na Casa do povo, uns oitenta chefes de família decidiram organizar-se em Coletividade, escolhendo entre eles uma Junta Administrativa.

Feito o rol dos haveres da pequena propriedade de cada família e das apropriações das grandes terras dos senhores, apurou-se que os bens da Coletividade somavam:

425 hectares de terreno regadio;
885 hectares de pasto;
325 juatas de burros.
7795 cabeças de gado, eficiente material e utensílios agrícolas.

Os primeiros trabalhos fizeram-se com ânimo e fé. Para lavar a terra, foram organizados grupos de 10 juntas de burros com um delegado dentre os próprios trabalhadores de todos os grupos, os quais, ao fim do dia, davam conta do trabalho feito. Os rebanhos de animais foram distribuídos pelos montes, confiados a pastores ajuntados também por grupos. Organizou-se uma oficina de ferreiros e carpinteiros para manter em ordem os utensílios. Implantou-se a Cooperativa que provia às necessidades de todos (comestíveis, tecidos, etc.) e desta se proviam do necessário, mediante o intercâmbio com seus produtos, as famílias que, a princípio, haviam preferido não entrar na Coletividade. O dinheiro desaparecera completamente.

Com o passar do tempo, as oitenta famílias tornaram-se 485, e cada qual chegou a dispor, para consumo próprio, de um maial inteiro além das galinhas.

Quem não se recorda, com emoção, dos grupos de velhos a que chamávamos *aguiotos*, quando, de lágrimas nos olhos, nublados de íntima alegria, repetiam que jamais tinham podido possuir nem sequer o mais simples alimento?

Terras fecundas! quantas vezes fizestes germinar as sementes confiadas às mãos calosas desses velhos que, sem terem nenhuma obrigação mais, não queriam separar-se dos campos que haviam sempre arroteado para outrem, recebendo apenas as migalhas dos produtos em pagamento dos seus amargos suores! Eles podiam, finalmente, ao crepúsculo da vida, ver as sementes e terra frutificarem para quem as cultivava.

Era uma lindeza, nos terrenos hortivos, ver duzentos e cinquenta companheiros trabalharem unidos para plantar três carros de batatas. Em março, para semente o milho e para transportar o estrume do monte, para a planície, a interminável caravana de duzentos carros de duas juntas, ocupando a estrada das 9 da manhã às 6 da tarde, enchia o espaço com os gritos dos carreiros e os estridores dos carros, hino grandioso do trabalho que música nenhuma logrará exprimir melhor que a coletividade. O arado rasgou também o flanco do monte, e o grão dourado, ao sol de julho, era obra triunfante dos homens a viver enfim numa sociedade livre. Eles davam, assim, sua grande lição à ordem capitalista, a qual, com todos os seus quadros de agrônomos mantivera o monte estéril e o povo esfamado.

Foram colhidos mais de 400 carros de cereais e mais de 60 carros de câhamo, sem contar os feijões, batatas, vinho e óleo. Repartido o necessário entre todas as famílias da Coletividade, o restante permitia, por meio do intercâmbio com os produtos da cidade e de outras regiões, melhorar de modo considerável o teor de vida de todos. Muitas famílias poderam, assim, ter tecidos e utensílios que sua extrema penúria impedira sempre de comprar.

A paz e o bem estar econômico renasciam. Com isso também ia melhorando, de modo assaz sensível, a moral, no respeito ao próximo, na consideração às mulheres e aos velhos, no amor de uns aos outros.

E' inútil repetirem os fascistas aos cidadãos de Ballobar que a Coletividade foi um desastre. E' inútil que se esforcem por demonstrar, teoricamente, que era impossível o êxito, aqueles que, sem ser fascistas e até dizendo que defendem os trabalhadores, querem também escravizá-los. Nós conservamos, em nosso coração, a prova vívida, que nenhuma demonstração pode apagar.

Lembrar-nos-emos sempre daquelas assembléias em que, todos juntos, se deliberava o que se havia de fazer e todos livremente escolhiam nossa junta (comitê). Recordaremos sempre os dias em que, no monte ou na várzea, trabalhando livres e unidos, achávamos, no regaço da mãe terra, a verdade, a estrada sincera para nosso bem estar futuro.

Companheiros!

Aos velhos que nos ouvirem, consumindo-se na nostalgia das caras recordações e ao jovens que — tenros brotos — conhecem, da Coletividade, apenas o nome, demonstraremos, novamente, ao regressarmos, com a nossa experiência e nossa vontade, que a Coletividade é uma das alavancas com as quais se realizará a emancipação dos nossos cidadãos e da família proletária.

Uma grande lição de Makhnó

Depois de haver conseguido plena adesão dos trabalhadores das grandes e pequenas propriedades na região de Gulai-Pole, tratou Makhnó de abater os conselhos comunais, órgão do governo, obediente às ordens da Rada ucraina. Para isso, era necessário intensa propaganda entre os camponeses para neles desfazer o secular rrspeito a essa instituição estatal. Era uma ingente obra que só o grupo anarquista poderia fazer. Makhnó sentiu mais que nunca a falta de uma poderosa organização anarquista. Hoje, que está na ordem do dia, em França, a criação de uma **Federação anárquica internacional**, o seguinte discurso de Makhnó é preciosíssimo:

Os Comitês Comunaes, como do governo, não podem ser unidades territoriais dependentes das revoluções agrupado-

Federação Local dos Grupos Anarquistas de Barcelona

Aos militantes da C. N. T., aos anarquistas e jovens libertários

Quebrando nosso silêncio.

A todos os anarquistas de antanho, aos anônimos de antes e de agora, a todos os lutadores do Ideal ácrata em geral, dirigem-se estas linhas de seiva libertária, anarco confederal. Não para dar ou tirar brilho ao mosaico de nosso Ideal, senão para conseguir humanamente o contacto que há de produzir a chispa luminosa, capaz de harmonizar e avigorar nossas inquietudes, sempre anelantes de renovação social.

Ninguém nos pode contestar ou pôr em dúvida nosso passado de homens abnegados e lutadores pela emancipação do proletariado do nosso país, sem que disso hajamos apresentado fatura de esforços ou sacrifícios. Essa e não outra é a F. A. I. (**Federação Anárq. Ibérica**), um grupo de livrepensadores que, unidos coerentemente, constituem o nervo ético e específico do Movimento Libertário Ibérico. Precisamente por isso, repelimos todo cepticismo tendente a desvirtuar a eficácia ou determinismo de nosso anagrama perante os que, arguindo conceitos malintencionados, nos qualificam a seu gosto, ora como vulgares atracadores, ora como utopistas de um ideal abstrato e irrealizável. Como se equivocam! A F. A. I. ressurge hoje mais potente e com mais vigor que nunca, pronta e disposta a entrar em ação, mal se dê o grito de alarma, para libertar nosso povo do terror, do crime e da mais espantosa miséria imposta pela Falange e pela selvageria obscurantista, com Franco, mil vezes traidor à frente.

Basta de resignação! Devemos atuar e vamos atuar!

Muitos são os espanhóis que confiam sua libertação à intervenção das Democracias Aliadas. Nós, não! Só confiamos no esforço mancomunado do proletariado e na ação direta. Tão pouco partilhamos do platonismo de confiá-lo ao acaso enquanto cruzamos os braços esperando a qualquer momento a desagradável notícia do verdugo ou do pelotão executor. Olho por olho e dente por dente!

Somente nossa galhardia seguida da ação pode fazer tremarem os Auditores de Guerra assim como essas *brigadilhas*, bandos de assassinos a que deram nome de polícia, a serviço, uns e outros, do fascismo internacional.

Por isso, entendemos que não dá lugar a discussão o problema espanhol.

Aos que nos quiserem seguir, dentro ou fora das fronteiras, insistimos em que se convençam, como nós, de que só um plano de ação intensa pode pôr fim a esse estado de cousas insuportável.

A F. A. I. está disposta a cobrir-se novamente de glória tudo envidando, desinteressadamente, para a grande epopeia revolucionária, que há de salvar nosso país da escravidão e do crime que a subjuga apesar do triunfo das Democracias contra o fascismo ítalo-germano.

Para que seja coroada de êxito nossa ação, indispensável é a cooperação entusiasta de todos os companheiros que amam o Ideal anárquico afim de, em compenetração completa, fazer de nosso Movimento muralha granítica em que se espedaçará Franco e todas as baixas apetências políticas, partam de onde partirem.

Saudamos com incontida emoção todos os nossos companheiros presos.

Companheiro! Não te esqueças de que és a única e bela esperança do porvir de Espanha. Junta teu esforço ao nosso, que é o da causa libertária pela qual sempre lutaste desinteressada e austeramente.

Vivam nossos presos!

Viva a liberdade!

Viva a Federação Anarquica Ibérica

Nota — Esse manifesto foi publicado em *Tierra y Libertad* (26 6-1946), que pede transcrição em todos os periódicos anarquistas.

ras de forças vivas da Revolução. Com o desenvolvimento da Revolução, devem desaparecer; as massas proletárias os dissolverão. A Revolução social o exige.

Tendo nossas vistas voltadas para a Revolução social, devemos, desde já, agir em nome dos seus princípios e ajudar os camponeses e operários a trabalhar em tal sentido. Não podem nem devem os Comitês Comunaes ignorar a vontade dos seus eleitores. Todas as suas decisões (decisões e ordens do governo) não de ser submetidas a todos os cidadãos em reuniões-akhods, para serem aprovadas ou rejeitadas.

Estamos atualmente em fins de junho, isto é, no terzo do ano da Revolução. Só desde essa época, nós, camponeses e trabalhadores anarquistas, trabalhamos legitimamente entre os trabalhadores oprimidos. Parece-me que, nesse pouco tempo, já conseguimos alguns resultados. Trata-se agora de haurir deles ensinamentos e, depois, de volver à ação indicando claramente o fim de nosso movimento. Tal ação deve-se fazer fora do Comitê Comunal.

Estamos presentemente em relação com toda uma série de regiões em que temos influência. Na de Kamychévat, mormente, pertence toda a iniciativa a nossos camaradas. Essa região respondeu ao nosso apelo de apoiar-nos em sua luta contra o Comitê local de Alexandrovsk. O representante dessa região, o camarada Dúdnik, vem-nos ver pela terceira vez, com o fim de coordenar a atividade dos camponeses da região de Kamychévat com a dos camponeses de Gulai-Pole.

De dia em dia, os trabalhadores das demais regiões ouvem, com mais atenção e interesse, a voz de Gulai-Pole e organizam-se segundo os princípios de Gulai-Pole, mau grado a oposição dos socialistas revolucionários, dos socialistas democráticos, e dos Cadetes, (não existiam ainda, nessa ocasião bolcheviques nas aldeias).

Um aprofundado estudo da Revolução nestes quatro meses nos mostra que é tempo de dirigir nossa atividade em sentido determinado e de opô-la diretamente à atividade dos políticos: a direita já no poder; a esquerda pura lá tendendo, porque os socialistas de direita e a burguesia, avassalando a Revolução, levam-na a um beco sem saída. Mas, por outro lado, desde os primeiros dias da Revolução, era evidente, para nós que trabalhamos nas aldeias subjugadas, que a aldeia ucraina não teve ainda tempo de se libertar inteiramente da escravidão, nem alcançar o real sentido da Revolução. Malco nega a sentir abalado o esmagante jugo secular e já procura as vias de libertação completa da escravidão econômica e política e, por isso mesmo, chama a anarquia em seu auxílio. Seria fácil não ver essa tendência da aldeia escravizada e desapersear-se de vir-lhe em auxílio. Bastaria aotar o modo de ver da maioria dos nossos camaradas urbanos e dizer com eles que a aldeia é partidária do regresso ao regime burguês, capitalista, etc. Porém, creio firmemente que não iremos até lá. Vimos nossa aldeia atuando e afirmamos que, nas filas camponesas, houve e há elementos revolucionários, basta ajudá-los a se libertarem do garrote estatal que lhes foi traidoramente aplicado pelos políticos.

Auxílio eficaz só lhes pode ser dado pelos anarquistas-revolucionários. Nosso movimento nas

(Continua na 3ª pag.)